



PLATAFORMAS DIGITAIS, DESINFORMAÇÃO E MASCULINISMO: REFLEXÕES A PARTIR DA ATUAÇÃO DO PIBID- SOCIOLOGIA EM LARANJEIRAS DO SUL-PR¹

Fernanda Marcon ²
Sabrina Zduniak Moraes ³
Lucas Costa Chaves ⁴
Maria Clara Sczepanski ⁵
Fernanda Marcon ⁶

RESUMO

O artigo realiza uma reflexão sobre as formas de uso de diferentes plataformas digitais por estudantes do ensino médio técnico e os processos contemporâneos de desinformação e ameaça à democracia e aos direitos humanos, a exemplo dos movimentos masculinistas, que se utilizam das plataformas digitais para impulsionar conteúdos misóginos e sexistas. A discussão pautou-se na atuação do PIBID Sociologia (núcleo da UFFS - campus Laranjeiras do Sul-PR) em um centro estadual de educação profissional no município. Entre as ações propostas pelo projeto na escola, destacamos o diagnóstico da realidade escolar e a oficina sobre desinformação e democracia. A partir dessas ações, refletimos sobre o uso das plataformas digitais (redes sociais, plataformas de vídeo, jogos, entre outras) e como os conteúdos veiculados, especialmente aqueles relacionados às relações de gênero, são percebidos e compreendidos pelos estudantes. Partimos da perspectiva de Miller *et al.* (2019), e procuramos não definir as mídias digitais como “negativas” ou “positivas”, principalmente em sua relação com a educação escolar. A intenção desta reflexão, portanto, é colocar em evidência as diferentes apropriações e significados oriundos dessas experiências pelos estudantes do ensino médio técnico e apontar as principais questões colocadas por estudos contemporâneos a respeito da relação entre plataformas digitais, desinformação e ameaça à democracia e aos direitos humanos.

Palavras-chave: Plataformas Digitais, Desinformação, Masculinismo, Democracia, Pibid Sociologia.

¹ Artigo resultante do subprojeto de Sociologia do Programa de Implementação de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFFS campus Laranjeiras do Sul. O subprojeto de Sociologia da UFFS foi contemplado pelo edital da CAPES (PIBID 23/2022), contempla três núcleos de atuação nas cidades de Erechim-RS, Chapecó-SC e Laranjeiras do Sul-PR e tem vigência entre 01/10/2022 e 31/03/2024

² Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, fernanda.marcon@uffs.edu.br;

³ Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul - UFFS, sabrinazduniak990@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul - UFFS, Lucas.c.c.b.d.s@gmail.com;

⁵ Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul - UFFS, mariaclarasczepanski3@gmail.com;

⁶ Professora orientadora, doutora, Curso de Ciências Sociais - Licenciatura - UFFS, campus Laranjeiras do Sul, fernanda.marcon@uffs.edu.br.



INTRODUÇÃO

Este artigo descreve algumas das atividades realizadas pelo Pibid Sociologia (núcleo da UFFS - campus Laranjeiras do Sul-PR) no Centro Estadual de Educação Profissional Professora Naiana Babaresco de Souza (CEEP), e reflete sobre as diferentes plataformas digitais e sua relação com movimentos contemporâneos de ataque às democracias, desinformação e disseminação de grupos supremacistas. A partir das atividades realizadas pelo subprojeto de Sociologia, entre elas um grupo focal e uma oficina sobre desinformação e democracia, percebeu-se que os estudantes têm tomado consciência desses movimentos e fazem usos específicos das plataformas digitais, muitas vezes sendo estigmatizados pela sociedade em geral por terem sido alfabetizados na linguagem digital, diferente de seus pais e professores. Assim, o artigo se organiza em três momentos. No primeiro, descrevemos as atividades realizadas na escola e a metodologia utilizada para responder às questões que nos colocamos enquanto projeto: quais plataformas digitais são mais utilizadas pelos estudantes do CEEP e qual a frequência e a motivação dessa preferência? Além disso, também se constituíram como perguntas norteadoras tanto do grupo focal quanto da oficina, as formas pelas quais os estudantes acessam informações e suas percepções sobre a veracidade e qualidade dos conteúdos veiculados por diferentes plataformas digitais. Em seguida, apresentamos o referencial teórico que embasou nossas ações e reflexões, procurando explicitar a problemática que nos motivou a investigar a relação entre plataformas digitais, desinformação e democracia. Por fim, buscamos realizar uma interlocução teórica entre os dados coletados e os estudos a respeito dessa temática, procurando sinalizar as contribuições da atuação do Pibid Sociologia para pensá-la.

O CEEP iniciou suas atividades em 2016 após o processo de idealização e construção da escola no município de Laranjeiras do Sul. A cidade foi contemplada com um centro de educação profissional por ser o município-polo do chamado Território da Cidadania Catuquiriguaçu⁷ e por fazer parte de uma região com carências históricas no campo social e econômico. Assim, em 2011 iniciam-se as obras para instalação da escola, e em agosto de 2016 dá-se início às aulas dos cursos técnicos subsequentes em Contabilidade e Agronegócio, com

⁷ De acordo com Cardoso *et al* (2021), o Território da Cidadania Cantuquiriguaçu é composto por vinte municípios da região centro-sul do estado do Paraná: Campo Bonito, Candói, Cantagalo, Catanduvás, Diamante do Sul, Espigão Alto do Iguaçu, Foz do Jordão, Goioxim, Guaraniaçu, Ibema, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Nova Laranjeiras, Pinhão, Porto Barreiro, Quedas do Iguaçu, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Três Barras do Paraná e Virmond. Por iniciativa de prefeitos da região, em 1984 foi fundada a Associação de Municípios da Cantuquiriguaçu. O nome escolhido faz alusão aos municípios estarem localizados nos vales dos rios Cantu, Piquiri e Iguaçu. A região é conhecida por apresentar baixos índices de desenvolvimento econômico e social.

160 alunos matriculados. Em fevereiro de 2017, o CEEP passa a ofertar o curso técnico em Agronegócio integrado ao Ensino Médio. Atualmente, a escola oferece quatro cursos na modalidade subsequente: Técnico em Administração, Técnico em Enfermagem, Técnico em Informática, Técnico em Edificações. Já na modalidade de Ensino Médio Técnico Integrado são ofertados os cursos de Técnico em Agronegócio, Técnico em Desenvolvimento de Sistemas, Técnico em Edificações e Técnico em Informática. A escola se localiza na região central da cidade, no bairro Jaboticabal, e em 2023 possui estudantes vindos de outros cinco municípios da região.

O Pibid Sociologia passou a atuar na escola no início de 2023, tendo como supervisora a professora de Sociologia Monica Laskoski. Além do acompanhamento das aulas de Sociologia, realizamos outras ações, como a pesquisa do diagnóstico da realidade escolar, consultando indicadores educacionais da escola, documentos oficiais e a geolocalização dos estudantes matriculados. Em nossa proposta, concebemos que a indissociabilidade entre a pesquisa sociológica e o ensino de sociologia fazem parte do cotidiano dos professores da Educação Básica e favorecem o desenvolvimento de práticas docentes mais atentas à realidade dos estudantes no Ensino Médio. Além disso, exploramos outras técnicas de pesquisa, como é o caso do grupo focal, com o qual buscamos compreender o uso das plataformas digitais pelos estudantes e fundamentar a realização posterior de uma oficina sobre desinformação e democracia. Apoiada nos dados coletados pelo grupo focal, a oficina teve como foco o crescimento de grupos de supremacia masculinista, os quais têm monetizado o machismo e o sexismo por meio de diferentes plataformas digitais e disseminado informações equivocadas e que impulsionam o engajamento com discursos de ódio. Em seguida, abordaremos a metodologia utilizada em cada uma dessas ações.

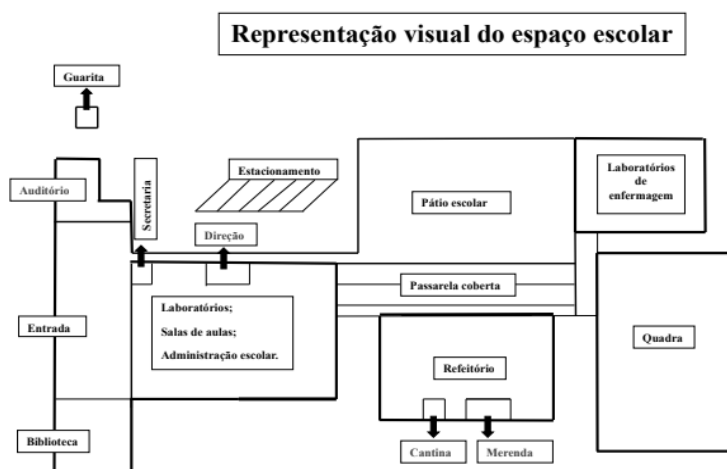
METODOLOGIA

Para o diagnóstico da realidade escolar, diferentes ferramentas de coleta de dados foram utilizadas. Primeiramente, realizamos o levantamento dos indicadores socioeconômicos dos estudantes, que se deu por meio de um questionário feito pelos próprios pibidianos através da ferramenta “Google Forms” e entregue à direção da escola para que disponibilizasse aos estudantes por meio de um grupo criado no aplicativo de mensagens “Whatsapp”. Nesse questionário havia perguntas relacionadas ao grupo familiar, geolocalização do estudante, além da renda familiar. Além disso, foi efetuado uma análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, onde observou-se as informações referentes ao histórico da instituição, a relação entre

escola e família e entre a escola e a comunidade, a gestão escolar e o plano curricular da disciplina de Sociologia, bem como a de outros materiais que versam sobre a proposta curricular e a organização da instituição do escolar.

Uma outra frente de pesquisa relacionada ao diagnóstico da realidade escolar, de caráter qualitativo, lançou mão da observação participante como uma ferramenta essencial à pesquisa antropológica, e buscou direcionar o olhar dos pibidianos para as relações dentro do espaço escolar, inclusive as relações que dão sentido à própria organização espacial. De acordo com Scheliga e Bazzo (2020, p.11), embora a educação não se restrinja aos espaços escolares, estes têm se apresentado como centrais para os processos de socialização no ocidente. Nesse sentido, a observação participante pôde direcionar nossa atenção para aspectos importantes da socialização dos jovens estudantes do ensino médio técnico em seu cotidiano na escola - entre aulas e outras atividades desenvolvidas nesse espaço -, além de seu relacionamento com as plataformas digitais, algo que buscamos explorar com mais detalhe no grupo focal e na oficina.

Figura 1 - Representação visual do espaço escolar



Fonte: Equipe do Pibid Sociologia

Para a produção da oficina sobre desinformação e democracia, realizamos estudos dirigidos sobre o tema, tendo como referência os trabalhos de Miller *et al.* (2019), Zaganelli (2021) e Cesarino (2020). Após seminário de discussão a respeito desses estudos, entendemos que seria importante realizar um grupo focal com os estudantes, buscando compreender as formas como interagem na internet e as plataformas que utilizam. O grupo focal caracteriza-se pela seleção de sete a doze pessoas, considerando as características que unificam o grupo -

participantes de um projeto, docentes ou estudantes de uma escola, membros de uma associação etc. - e estabelecendo um roteiro de discussão estimulado por um ou mais mediadores. O tempo de duração varia de uma a duas horas por sessão, tendo como dinâmica as respostas dos participantes - individualmente ou dialogando entre si - às questões estimuladas. De acordo com Barbour (2009), um dos usos mais frequentes dos grupos focais nas Ciências Sociais é o de concebê-lo como uma fase exploratória, tanto nas pesquisas que combinam diferentes instrumentos de caráter qualitativo, quanto naquelas em que se optou pela utilização de métodos mistos.

Para esse propósito, foram formuladas algumas perguntas básicas, como por exemplo: “Quais plataformas digitais mais utilizam?”; “Qual o tempo médio de uso de redes sociais ao dia?”; “Qual período do dia mais utiliza a internet?”; “Considera que as plataformas digitais/redes sociais influenciam em sua saúde mental?”. Realizamos essas perguntas com três turmas da escola no período da manhã, (2º ano de Desenvolvimento de Sistemas, 4º ano de Edificações e 4º ano de Agronegócio). Solicitamos que os participantes se organizassem na sala de aula de modo a formar um círculo, o que permitiu melhor interação entre eles. Por meio das respostas coletadas, passamos, então, ao planejamento da oficina, tendo como eixo norteador da reflexão o movimento masculinista “Red Pill”. O “Red Pill” é um movimento que atua em diferentes plataformas e fóruns digitais e explora o discurso de ressentimento contra mulheres em função dos avanços progressistas em termos de igualdade de gênero. A metáfora da “pílula vermelha” é inspirada no filme “Matrix”, em que o protagonista precisa decidir entre tomar a pílula azul e seguir vivendo uma realidade de ilusão ou tomar a pílula vermelha, que lhe apresentará a realidade verdadeira. Nesse sentido, os discursos que utilizam a *hashtag* “redpill” nas redes sociais disseminam a ideia de que é preciso “educar” os homens para lidar com uma certa “psicologia feminina” - por “natureza” manipuladora e dissimulada - e recuperar a virilidade e o poder que pertenceriam, “naturalmente”, aos homens. Ao se apresentarem como *coaches* de masculinidade, muitos perfis ligados ao “Red Pill” fazem uso de diferentes plataformas digitais para monetizar discursos de ódio contra mulheres, oferecendo cursos e livros e se autointitulando como “especialistas em psicologia feminina”. A forma com que o “Red Pill” se apresenta e gera engajamento caracteriza bem o fenômeno da desinformação, que não sendo novo, ganhou contornos massivos com o advento da internet⁸.

A oficina foi realizada no campus da UFFS em Laranjeiras do Sul e os estudantes de duas turmas do CEEP foram separados em dois grupos. O primeiro grupo foi levado a uma sala

⁸ Para uma discussão aprofundada sobre linguagem do ódio e sua relação com o modelo de extração de dados de grandes empresas de tecnologia, ver a dissertação de mestrado de Luís Antônio Meira (2021).

para assistir a um vídeo pela plataforma “Youtube” em que Thiago Schutz - um dos principais influenciadores do movimento “Red Pill” - alertava para o perigo de “falsas acusações” de estupro, contra as quais ele sugeria que os homens se prevenissem (fazendo o uso de câmeras de vídeo em casa, por exemplo)⁹. Já o segundo grupo assistiu a um vídeo produzido pelo jornalista da BBC News, João Fellet, que abordava a questão da “machosfera”. No vídeo, o jornalista investiga as origens de movimentos masculinistas e descreve o campo de atuação desses movimentos como “machosfera”¹⁰. Ao final da exibição dos vídeos, foi reservado um tempo para que cada grupo fizesse um debate sobre o tema abordado. Em seguida, foi pedido que cada grupo sintetizasse a discussão e respondesse às seguintes questões: “A partir do vídeo, você concorda com as informações que foram transmitidas?”; “Aponte as informações que o grupo considerou importantes”; “Vocês consideram que as informações apresentadas no vídeo refletem a realidade?”. Após esse momento, recolhemos as respostas e invertemos as apresentações dos vídeos para que os dois grupos fossem expostos a duas perspectivas distintas sobre o assunto, uma produzida por integrantes do movimento “Red Pill” e outra por um jornalista. Para encerrar a atividade, os pibidianos fizeram uma apresentação aos participantes da oficina sobre o tema “Fake News”, abordando conceitos centrais e estudos a respeito das consequências da desinformação para a democracia e os direitos humanos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista o planejamento das ações que seriam desenvolvidas pelo Pibid de Sociologia no CEEP Professora Naiana Barbaresco de Souza, passamos a delinear um caminho teórico que pudesse fundamentar nossas práticas de pesquisa e ensino. Um dos temas escolhidos para a realização da oficina com os estudantes foi o da relação entre desinformação e democracia. Nos últimos anos, acompanhamos o avanço de investigações a respeito do papel das plataformas digitais, em especial as redes sociais, na disseminação de notícias falsas e disparo de mensagens em massa que teriam interferido diretamente no resultado de processos eleitorais de diferentes países democráticos. Dado esse contexto preocupante, entendemos que o ensino de Sociologia na Educação Básica pode ser um excelente aliado no sentido de

⁹ O título do vídeo é “Eu já sofri falsa acusação de mulh3r” e foi veiculado pelo canal “Cortes RedCast [OFICIAL]”. O canal possui 85 mil inscritos e o vídeo, exibido desde março de 2022, possui mais de 175 mil visualizações (acesso em 10/09/2023). Não indicaremos o endereço do vídeo por se tratar de informação falsa e com a presença de discurso de ódio.

¹⁰ O título do vídeo é “Por dentro da machosfera, onde os homens debatem reação ao feminismo” e foi veiculado pelo canal “BBC News”. O canal possui pouco mais de 3 mil inscritos e o vídeo, exibido desde junho de 2023 possui 121 mil visualizações. Disponível em: <<https://youtu.be/yP5-iWV3hNA?si=paaqJb9luNQvti9L>>. Acesso em 17/09/2023.

promover o debate acerca dos riscos democráticos e em termos de ataque aos direitos humanos ocasionados pela difusão de conteúdos falsos e que monetizem práticas criminosas, como os movimentos de supremacia racial e de gênero.

Partindo inicialmente das discussões sobre o impacto das chamadas *fake news* na democracia e o papel das redes sociais na disseminação destas, utilizamos os textos de Zaganelli e Maziero (2021) e de Cesarino (2020) que analisaram as eleições de 2018 a partir da influência de mídias sociais digitais. Ambos os artigos concordam sobre a relevância e repercussão das redes sociais na decisão do voto, em especial o “Whatsapp” como principal meio de campanha política e disseminação de *fake news*. Com base nessas observações, buscamos entender como se dá a relação dos estudantes com as redes sociais, e em especial com as informações apresentadas a eles. O estudo de Cesarino (2020) traz diversos exemplos de como tais informações podem ser observadas circulando pelos meios digitais mais privados, fora da imprensa profissional, e da vulnerabilidade à *fake news* a que certos grupos estão sujeitos quando têm as redes sociais como principal fonte de informação. Zaganelli (2021) atribui essa vulnerabilidade ao vínculo social estreito que em geral temos com as pessoas das quais recebemos mensagens com esse conteúdo:

A estratégia utilizada para o compartilhamento de mensagens nas redes sociais utiliza o pressuposto da segmentação: cada notícia é repassada para um grupo de contatos mais próximo, no qual há uma relação de confiança, a tal ponto que as pessoas não se preocupam em checar a fidedignidade das informações. A divulgação tende a se tornar mais efetiva quando é feita por pessoas nas quais confiamos, ao invés de grupos que poderiam ter algum interesse na propagação daquelas notícias, aí se incluindo a imprensa formal (Zaganelli, 2022, p.166-167).

Por outro lado, também tomamos o cuidado para não partirmos de uma posição conservadora e preconceituosa com relação ao uso das plataformas digitais, e principalmente um cuidado com relação ao estigma atribuído aos jovens e estudantes, de forma geral, no qual se atribui a eles um uso não crítico e abusivo de jogos, redes sociais, plataformas de streaming e outras mídias digitais. Em consonância com o posicionamento de Miller *et al.* (2019), nosso interesse não foi o de observar o uso destas plataformas pelos estudantes como “positivo” ou “negativo”, mas compreender esse uso, suas especificidades e consequências para a forma como jovens estudantes acessam informação e se posicionam diante das questões de seu tempo, como é o caso das relações de gênero. Nesse sentido, partimos de uma percepção sobre o contexto escolar como aquele em que a alteridade se coloca como questão a todo momento, seja como desafio e exclusão, seja como potencialidade de transformação social. Sobre isso, procuramos investigar o papel das plataformas digitais e sua inserção no ambiente escolar na

produção/reprodução de marcadores sociais da diferença, uma preocupação também apresentada por Scheliga e Basso (2021) na abertura do dossiê “Etnografias em contextos pedagógicos” do volume nº 22 da Revista Campos.

De início, percebe-se claramente uma contradição entre a expectativa da gestão escolar sobre o uso de ferramentas digitais no processo educacional e a forma com que os estudantes se apropriaram do universo digital enquanto “nativos”. Ou seja, o descompasso geracional aliado a uma perspectiva profundamente hierarquizante do processo educativo apresenta desafios com relação à implementação das novas tecnologias digitais na formação básica. Com relação às questões de gênero e sexualidade, algo que com a observação de campo na escola se apresentou de forma importante, sabe-se que a inserção do tema no currículo da Educação Básica sempre foi permeada por contradições. De acordo com Nascimento e Figueiredo (2021), a sexualidade foi inserida entre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) como tema transversal a ser trabalhado na escola a partir de 1998.

Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, Cesar (2009) afirma que mesmo uma parcela da sociedade brasileira reconhecendo o lugar da sexualidade nos espaços escolares, o que trouxe essa discussão para a ordem do dia das escolas foram duas preocupações: o surgimento da epidemia de HIV no final dos anos 1980 e o reconhecimento da gravidez de jovens em idade escolar. Dessa forma, a autora sugere que a preocupação com sexualidade no âmbito educacional parece estar pautada em um viés higienista, em torno de uma ideia de prevenção, mas, que visava, sobretudo, ao controle e à domesticação dos corpos de jovens e crianças (Nascimento; Figueiredo, 2021, p. 50).

O contexto atual, por outro lado, mostra uma grande resistência ao tratamento do tema na Educação Básica, ainda que de maneira transversal, sendo alvo de inúmeros ataques de parte da sociedade e de seus representantes políticos, sobretudo aqueles ligados aos *lobbies* religiosos e conservadores. Assim, as plataformas digitais parecem ocupar um lugar significativo na produção e difusão de conhecimentos sobre o tema, atravessando o universo escolar muitas vezes de maneira autônoma e pouco compreendida por professores e equipe pedagógica. Dado esse contexto, Miller *et al.* sinalizam que uma “alfabetização midiática” pode representar uma busca de autonomia por parte dos estudantes, implicando em uma “alfabetização social” pautada por experiências que escapam ao controle de pais e professores. Além disso, é preciso compreender de que maneira o uso de diferentes plataformas digitais pelos estudantes também implica em um apagamento das fronteiras entre educação “formal” e “informal”, possibilitando uma apropriação mais autônoma do processo educacional.

Os pais que vivem nos locais menos desenvolvidos que estudamos (Brasil, China e a parte rural do sul da Índia) preocupam-se com as desigualdades financeiras marcantes. É comum que expressem uma clara frustração com as falhas das escolas locais em capacitar seus alunos adequadamente com habilidades e conhecimentos necessários ao sucesso na educação formal, no trabalho e na vida em geral. Em resposta à situação, muitos jovens se apropriam criativamente das mídias sociais, a fim de conseguir meios suplementares de aprendizagem e interconexão que acreditam contribuir para sua própria educação e enxergam como mais úteis e relevantes para suas vidas (Miller et al., 2019, p. 82).

Com a proliferação de conteúdos que podem ser monetizados nas diferentes plataformas digitais, consideramos que era preciso conhecer os modos de apropriação dessas informações pelos estudantes do CEEP, investigando suas percepções sobre conteúdos ligados às questões de gênero e sexualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Miller *et al.* trazem conceitos importantes para entendermos o contexto das mídias sociais no mundo atual, com enfoque na noção de “sociabilidade escalonável”, facilitada pela universalização do uso de *smartphones*. Durante o período de observação dos alunos do CEEP, notamos rapidamente o quanto o celular está presente mesmo durante as aulas. Notável também é a semelhança nas respostas do grupo focal sobre a pergunta “quais redes sociais vocês utilizam?” entre alunos da mesma turma. De fato, Miller *et al.* ressaltam que a necessidade de se comunicar é mais importante do que como a comunicação acontece, o que leva as pessoas a utilizarem redes sociais que fazem parte dos grupos com que convivem, mesmo que estas não sejam necessariamente “adequadas” para elas. Isso relaciona-se também com as respostas para perguntas sobre quais os principais interesses e quais informações os estudantes buscam na internet, visto que os alunos da mesma turma tendiam a responder de forma parecida uns com os outros (especialmente os estudantes do 2º ano de Desenvolvimento de Sistemas - cuja área de interesse era majoritariamente voltada para os jogos eletrônicos - e os estudantes do 4º ano de Edificações, que possuíam interesses voltados principalmente para a área da moda).

A partir do conceito de “sociabilidade escalonável”, percebemos que as mídias sociais veiculam informações de maneiras completamente distintas, dependendo do público-alvo que utiliza determinada rede. É dessa forma que as *fakes news* encontram facilidade de propagação, mesclando-se entre as mais diversas informações apresentadas, pois são propositalmente veiculadas visando os indivíduos que utilizam a rede social em questão.

Como um dos resultados das atividades realizadas pelo subprojeto de Sociologia, percebemos que a discussão acerca da disseminação de notícias falsas por meio de diferentes

plataformas digitais não é desconhecida dos estudantes do CEEP. Ao contrário, os estudantes - alguns frequentando o curso de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas - têm bastante clareza a respeito do fenômeno e demonstram criticidade com relação aos conteúdos acessados. Como o Youtube foi a plataforma digital mais citada entre os estudantes durante a realização do grupo focal, optamos por realizar a oficina com base em conteúdos veiculados nela por dois canais distintos: o “RedCast”, associado ao movimento “Red Pill”, e o canal “BBC News Brasil”, de caráter jornalístico. Com base nas respostas dos estudantes à exposição aos dois conteúdos, percebeu-se uma boa compreensão sobre a veracidade das informações e disseminação de conteúdos que atentam contra os direitos humanos e apresentam potencial de incitação à violência contra a mulher, como é o caso do conteúdo do vídeo “Eu já sofri falsa acusação de mulh3r”, do “RedCast”.

Sobre uma das perguntas realizadas durante a oficina - “você considera que as informações apresentadas no vídeo refletem a realidade?” - um dos grupos de estudantes respondeu que o conteúdo do vídeo do “RedCast” corresponde à realidade, isto é, representa o machismo e o egocentrismo masculinista presente nas relações sociais no mundo contemporâneo. Para o outro grupo, a disseminação dos vídeos com conteúdo masculinista parecem refletir o aumento das denúncias de assédio e feminicídio, o que levaria movimentos como o Red Pill a ganhar espaço entre homens que se veem como “vítimas” dos avanços do feminismo. Termos como “machismo estrutural” foram citados pelos estudantes, especialmente por um dos grupos, formado exclusivamente por meninos, o que demonstra uma apropriação bastante crítica dos processos contemporâneos e das informações falsas veiculadas pelas plataformas que utilizam com frequência. Como apontam Miller *et al.*:

Em todos os nove locais pesquisados em nosso estudo, as mídias sociais reproduzem e reforçam normas sociais que regulam as diferenças de gênero no mundo off-line, porém de maneiras diversas e em diferentes graus. Em particular, a reprodução de ideais dominantes de feminilidade e masculinidade nas mídias sociais públicas, como o Facebook, é um tema comum a quase todas as regiões. Com frequência, os espaços públicos on-line emergem como altamente conservadores, reforçando os papéis de gênero estabelecidos. A autoconstrução nas mídias sociais continua a ter um aspecto de gênero, como uma parte das várias identidades que interceptam um indivíduo, assim como na vida diária off-line (Miller *et al.*, 2019, p.131)

Nesse sentido, é refletido pelos estudantes a forma com que as mídias digitais podem ser altamente conservadoras, contrariando uma visão estigmatizante que vê fragilidade no uso das plataformas digitais por jovens estudantes. Além disso, durante o grupo focal, a maioria demonstrou ter consciência dos riscos à sua saúde mental com relação ao uso abusivo das

plataformas e à influência que elas causam na autopercepção dos jovens a partir de padrões de beleza irrealizáveis.

Nas discussões que ocorreram na oficina, foi perceptível o discernimento dos estudantes ao compreender o vídeo de Thiago Schutz como um exemplo de *fake news*. Em um dos argumentos dos estudantes relacionados ao vídeo, foi mencionado que “o homem se fazia de vítima quando na verdade ele era o opressor”. Essa problemática se assemelha ao que Cesarino identifica nas *fakes news* contidas nos *memes* e discursos em prol do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, quando aborda o fenômeno denominado por ela como “populismo digital”:

O que eram minorias oprimidas passaram a ser vistas com fonte de opressão e de cerceamento de liberdades, ou como segmentos indevidamente privilegiados através de significantes vazios frequentes na memética como o da “bolsa” (travesti, prostituta, presidiário) ou, quando a mira estava voltada para artistas, a “Lei Rouanet” (Cesarino, 2022, p.109).

Desse modo, o movimento projeta uma visão distópica da realidade, pois historicamente as mulheres foram subalternizadas nas relações sociais, sobretudo mulheres negras e indígenas na relação com pessoas brancas. Em função dessas desigualdades, movimentos sociais emergiram em defesa dos direitos das minorias, entre eles o movimento feminista, buscando romper com as diferentes opressões direcionadas às mulheres, mas também aos próprios homens, pressionados a assumir papéis de virilidade e masculinidade inalcançáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As incertezas sobre a presença da Sociologia na Educação Básica infelizmente não são pontuais. Em um ciclo histórico de exclusão, obrigatoriedade e redução de carga horária, perdem os estudantes com a falta da disciplina e seus conteúdos no currículo. Tendo em vista essa realidade, o subprojeto do Pibid Sociologia se propôs afirmar a importância desse campo de conhecimento para a compreensão de fenômenos que afetam a toda a sociedade brasileira tendo como protagonista dessa reflexão os estudantes secundaristas, entendendo sua importância para a construção de um país mais justo e democrático. Consideramos que as ações realizadas contribuíram para ampliar a percepção de democracia e acesso à informação tanto da equipe, quanto dos estudantes do CEEP. A pesquisa empírica a respeito dos usos e formas de apropriação das plataformas digitais entre os estudantes mostrou-se fundamental, portanto, para que pudéssemos nos afastar do senso comum de uma suposta “alienação” ou falta de criticidade dos jovens secundaristas. Além disso, reafirmou a necessidade do investimento em

pesquisa e em programas como o PIBID e o Residência Pedagógica, fundamentais para a formação de professores e para fundamentar as ações pedagógicas voltadas à Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Porto Alegre: **Artmed**, 2009.

CARDOSO, Juliane *et al.* Nível de sustentabilidade do território da Cantuquiriguaçu/PR. **Revista Capital Científico**, V. 19, P. 124-139, 2021.

MEIRA, Luís Antônio Alves. **Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio**. Dissertação (mestrado em Linguagens, Mídia e Arte. Programa de Pós- Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, P. 100, 2021.

MILLER, Daniel *et al.* Como o mundo mudou as mídias sociais: a portuguese translation of How the world changed social media. Londres: **UCL Press**, 2019.

NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do; FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães de. Ações e reações da escola diante de masculinidades hegemônicas e não hegemônicas: um olhar antropológico. **Campos**, V.22, P. 49-68, 2021.

SCHELIGA, Eva; BAZZO, Juliane. Etnografias em contextos pedagógicos: alteridades em jogo. **Campos**, V.22, P.11-31 ,2021.

ZAGANELLI, Margareth Vetis; MAZIERO, Simone Guerra. Fake news e eleições no Brasil - os riscos para a democracia. **Revista Eletrônica de Direito Eleitoral e Sistema Político - REDESP**, São Paulo, V. 5, P. 164-175, 2021.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, V. 1, P. 91-120, 2020.